



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA - 2019

MULHERES, RESISTENCIA NOS QUILOMBOS. BAHIA, SÉCULOS XVIII- XIX

Tainara Margarida Rodrigues Moraes¹; Adriana Dantas Reis²

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: tairmoraes@gmail.com
2. Orientador, DCHF, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: adrihis@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: invisibilidade; quilombo; mulheres.

INTRODUÇÃO

Os estudos referentes à escravidão evidenciam que por onde o sistema escravista passou houve resistência “desde a denominada resistência do dia-a-dia — sarcasmos, roubos, sabotagens, assassinatos, suicídios, abortos — até aspectos menos visíveis, porém profundos, de uma ampla resistência cultural” (REIS, p.27, 1999). No entanto, a resistência mais típica era a fuga e formação de agrupamentos de escravizados fugidos, mas vale ressaltar que a fuga nem sempre levava a formação desses grupos, pois muitos apenas fugiam para descanso, divertimento, prática religiosa, encontros amorosos ou até visitas a parentes, podendo levar de um dia à vários dias, voltando depois para seu Senhor. Outros viam na fuga definitiva, uma forma de procurar uma nova vida em liberdade, este fenômeno ocorreu por toda a América, contendo diferentes nomes como *maroons*, *palenques*, *cumbes*, etc. No Brasil os mais comuns eram *quilombos* e/ou *mocambos* (REIS; GOMES, 1996, p.10).

Para o historiador Flávio Gomes, fugir talvez tenha sido a forma mais comum de protestos dos escravizados contra o sistema escravista nas Américas. Entre essas experiências “tiveram aqueles que escaparam (muitas vezes coletivamente) e formaram comunidades, procurando se estabelecer com bases econômicas e estrutura social próprias” (GOMES, 2015, p.9).

Conforme Wlamyra Albuquerque e Walter Fraga no livro “Uma História do Negro no Brasil”, a Bahia era o maior produtor de açúcar no Brasil, com destaque para o Recôncavo Baiano, região que circunda a Baía de Todos os Santos, encontra-se os engenhos mais produtores, com terra fértil propícia para o cultivo da cana-de-açúcar, onde toda atividade desenvolvida nesses engenhos eram desenvolvidas por escravos

africanos e crioulos. O que nos faz pensar na grande quantidade e formação de quilombos nessa região.

E de acordo com João J. Reis (1996) a presença de mulheres e crianças encontradas nesses mocambos demonstra os laços familiares existentes dentro deles. O que nos faz pensar como o quilombo de Palmares se tornou quase unicamente símbolo de resistência escrava brasileira, juntamente com seu líder Zumbi, esquecendo os diversos quilombos espalhados pelo Brasil a fora e, a importância das mulheres dentro desses ambientes.

Através de um levantamento bibliográfico referente a temática, percebe-se nessas pesquisas a ausência ou inexistência da figura da mulher quilombola na luta pela resistência escrava. Talvez isso seja explicado pelo fato dessas pesquisas serem desenvolvidas por homens, e assim, não chamarem atenção quanto a isso nas documentações, ou simplesmente pela dificuldade de fontes referentes a esses acontecimentos.

Em razão do “apagamento” de muitas mulheres importantes em diversos processos histórico, a presente pesquisa objetiva-se contribuir para o conjunto de estudos referente a gênero com enfoque no que se refere as suas lutas e resistências de mulheres nos quilombos da Bahia entre os séculos XVIII e XIX.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Foi realizado um levantamento bibliográfico referente a temática, para analisar o silenciamento das mulheres em relação a resistência escrava quilombola e, o protagonismo destas. Sabe-se que as mulheres tiveram participação efetiva nas organizações dos quilombos, seu papel na manutenção da família foi acompanhado pela importância econômica na produção artesanal até mesmo no enfrentamento às tropas escravista.

No que se refere as abordagens em relação ao campo de observação foi utilizado a Micro História e o conceito de gênero juntamente com a interseccionalidade raça e classe, proposto por Joan Scott¹. Historicizando através das mulheres quilombolas uma nova perspectiva historiográfica referente as lutas e resistências, enfatizando os protagonismos destas.

Em seguida uma análise dessas fontes, a partir da categoria de gênero, dialogando diretamente com o sistema escravista. Dessa maneira, ocorrendo

¹ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & realidade, v. 20, n. 2, 1995.

possibilidade de investigação de ações, esclarecendo que essas mulheres negras escravizadas, livres e libertas, foram sim agentes históricos importante na luta e sobrevivência de si e, de seu povo.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Na província da Bahia, temos a presença de Zeferina, que durante o século XIX atuou bravamente contra as tropas do Regimento do Pirajá no levante de 1826, e defendeu seu grupo, como também os incentivou a não desistir da luta pela liberdade. Seu nome aparece na documentação da expedição destinada a destruição do quilombo do Urubu, segurando arco e flecha.

No entanto, há um “apagamento histórico” em relação a atuações das mulheres enquanto referencial de resistência. A líder Zeferina foi uma mulher que apesar da exclusão social brutalmente marcada pelo racismo, sexismo, e patriarcalismo vigente em nossa sociedade, desenvolveu práticas de enfrentamentos e resistências ao sistema escravista como maior liderança dentro do quilombo do Urubu, localizado onde hoje se encontra o Parque São Bartolomeu, nas intermediações do Pirajá em Salvador. Assim como ela, tivemos tantas outras que permanecem no anonimato, por não constarem nos documentos escritos.

É difícil pensar que dentro desses territórios, construídos por escravizados para se livrarem do cativeiro, e que durante o período setecentista a grande maioria desses escravizados era de origem africana, oriundos de sociedades composta por um sistema matrilinear², não tivessem a figura da mulher como centro. Conforme Flávio Gomes (2015, p.30) as mulheres dentro dos quilombos tinham papel de manutenção das famílias acompanhado da importância econômica na produção artesanal de utensílios, até mesmo no enfrentamento diante das tropas escravistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Há um apagamento das mulheres como participes nos acontecimentos histórico, por um lado, isso acontece devido aos registros da história, de maneira geral, embasados nos ideais positivistas, durante o século XIX, privilegiava os espaços públicos, políticos,

² Isso quer dizer que no processo de organização social e política dos africanos, a matrilinearidade delegava à mulher poder de comando e decisão. Em função desse modelo de organização a mulher não se limitava a participação no poder ao lado do homem, mais também era quem decidia sobre as questões políticas, administrativas e econômicas. Assim, era a responsável direta pelos destinos e manutenção das comunidades tradicionais. (para mais informações ver Waldeci Ferreira Chagas em “*A condição da mulher na África Tradicional*”).

econômicos e de guerra, nos quais as mulheres não estavam incluídas. Por outro lado, devido a história ser escrita por homens para os seus pares e os registros históricos oficiais também serem escritos no período, majoritariamente, por homens.

No Brasil, durante as décadas de 70 o movimento feminista, passou a questionar esse apagamento histórico das mulheres na historiografia do país, nesse momento também com a entrada da mulher no mercado de trabalho, juntamente com a entrada delas nas universidades, começaram as pesquisas com debate em relação a História das Mulheres, e posteriormente devido a necessidade de uma pauta mais teórica houve a inclusão da História de Gênero.³

As mulheres exerceram papéis fundamentais durante séculos, são protagonistas de diferentes estratégias de sobrevivência, em uma sociedade fortemente marcada pelo domínio masculino e branco. As mulheres negras, estas ainda estão ligadas a tripla opressão sofrida, a interseccionalidade⁴ entre raça, gênero e classe social. Há uma necessidade de dar ênfase na História das Mulheres negras no Brasil escravista, pois as experiências das mulheres negras são pouco exploradas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de; FILHO, Walter Fraga. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2016.

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. 1ª Ed, São Paulo: Editora Claro Enigma, 2015.

REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. **"Uma negra que fugio, e consta que já tem dous filhos": fuga e família entre escravos na Bahia**. Afro-Ásia, n. 23, p. 27-46, 1999.

REIS, João José. **Quilombos e revoltas escravas no Brasil**. Revista usp, n. 28, p. 14-39, 1996.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Ed.). **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. Editora Companhia das Letras, 1996.

³ RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. *Cultura histórica em debate*. São Paulo: UNESP, p. 81-91, 1995; SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*, v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007.

⁴ De acordo com Carla Akotirene entende-se por interseccionalidade como perspectiva, instrumento heurístico e metodológico, reconhecendo a inseparabilidade entre racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, o que expõe mulheres negras, mais que outros grupos, aos trânsitos dessas estruturas. O termo, portanto, define um posicionamento do feminismo negro frente a essas opressões.